

APEGO AO LUGAR E SATISFAÇÃO AMBIENTAL COMO PREDITORES DE BEM-ESTAR PESSOAL EM CRIANÇAS DE 10-11 ANOS

Place attachment and environmental satisfaction as predictors of well-being in children age 10-11

Apego al lugar y satisfacción ambiental como predictores de bienestar personal en niños de 10-11 años

FABRÍCIO DUIM RUFATO¹,
EVELINE FAVERO²

Resumo: O trabalho analisou o relacionamento ambiental em crianças (10-11 anos), considerando as variáveis apego ao lugar, identidade de lugar, satisfação ambiental e a influência dessas sobre o bem-estar, bem como, as diferenças nas médias por sexo. Participaram 886 (478 meninas, 405 meninos), com média de idade de 10,66 anos (DP= 0,64), do sexto ano do ensino fundamental público de Cascavel-PR. Utilizou-se um questionário para a coleta de dados, contendo as escalas Apego ao Lugar $\alpha=0,78$, Identidade de Lugar $\alpha=0,79$, Escala Infantil de Satisfação Ambiental ($\alpha=0,66$, $\alpha=0,62$) e *Personal Well-Being Index-School Children* $\alpha=0,74$. Os dados foram analisados quantitativamente, através de regressão linear múltipla (Método *Stepwise*) e Teste t de Student. O estudo constatou que as variáveis satisfação ambiental ($\beta=0,430$; $p=0,001$) e apego ao lugar ($\beta=0,143$; $p=0,001$) explicam 25% ($R^2_{adj}=0,25$) do bem-estar pessoal em crianças. A diferença entre as médias por sexo mostrou-se significativa ($t=3,910$; $gl=881$; $p=0,001$; $DM=0,28936$; $EPD=0,07400$) apenas na dimensão conectividade com a natureza, sendo a maior média para o grupo dos meninos. As variáveis que mais contribuíram para os resultados foram a limpeza das escolas, o convívio com os animais, a relação afetiva com o bairro e o contato com a natureza, revelando a importância do relacionamento ambiental em seus diferentes aspectos para o bem-estar infantil.

Palavras-chave: satisfação ambiental; apego ao lugar; identidade de lugar; bem-estar pessoal; infância.

Abstract: *This paper analyzed the environmental relationship in children (age 10-11), considering the variables place attachment, place identity, environmental satisfaction and their influence on well-being, as well as differences in the averages by gender. The participants were 886 (478 girls, 405 boys), with an average age of 10.66 years (SD = 0.64), students of the sixth grade of a public elementary school in Cascavel-PR. A questionnaire was used for data collection, containing the Scales Place Attachment $\alpha = 0.78$, Place Identity $\alpha = 0.79$, Children's Environmental Satisfaction ($\alpha = 0.66$, $\alpha = 0.62$) and Personal Well-Being Index-School Children $\alpha = 0.74$. Data were quantitatively analyzed using multiple linear regression (Stepwise Method) and Student's t-test. The study found that the variables environmental satisfaction ($\beta = 0.430$; $p = 0.001$) and place attachment ($\beta = 0.143$; $p = 0.001$) explain 25% ($R^2_{adj} = 0.25$) of personal well-being in children. The difference between the averages by sex was significant ($t = 3.910$; $gl = 881$; $p = 0.001$; $DM = 0.28936$; $EPD = 0.07400$) only in the nature-connectivity dimension, being the highest average for the boys' group. The variables that most contributed to the results were cleanliness of the schools, conviviality with the animals, affective relationship with the neighborhood and contact with nature, revealing the importance of the environmental relationship in its different aspects for child well-being.*

Keywords: *environmental satisfaction; place attachment; place identity; personal well-being; childhood.*

Resumen: *El trabajo analizó el relacionamiento ambiental en niños (10-11 años), considerando las variables apego al lugar, identidad de lugar, satisfacción ambiental y la influencia de esas sobre el bienestar, así como, las diferencias en los promedios por sexo. Participaron 886 (478 niñas, 405 niños), con promedio de edad de 10,66 años (DP= 0,64), del sexto año de la enseñanza fundamental pública de la ciudad de Cascavel-PR. Fue utilizado un cuestionario para la colecta de datos, conteniendo las escalas Apego al Lugar $\alpha=0,78$, Identidad de Lugar $\alpha=0,79$, Escala Infantil de Satisfacción Ambiental ($\alpha=0,66$, $\alpha=0,62$) y *Personal Well-Being Index-School Children* $\alpha=0,74$. Los datos fueron analizados cuantitativamente, a través de regresión lineal múltiple (Método *Stepwise*) y Test t de Student. El estudio constató que las variables satisfacción ambiental ($\beta=0,430$; $p=0,001$) y apego al lugar ($\beta=0,143$; $p=0,001$) explican 25% ($R^2_{adj}=0,25$) del bienestar personal en*

¹ Psicólogo, Mestre em Ciências Ambientais – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Rua Cristo Rei, 665 - Iporã, PR. CEP: 87560-000 - e-mail: fabricio-rufato@hotmail.com, ORCID: 0000-0002-0514-3882.

² Psicóloga, Mestre em Extensão Rural (UFMS) e doutorado em Psicologia (UFRGS), Rua Engenheiro Ostoja Roguski, 700 - apto 601B - CEP: 80210-390 Jardim Botânico – Curitiba, PR - e-mail: evelinefaveroy@yahoo.com.br, ORCID: 0000-0003-4381-5755.

niños. La diferencia entre los promedios por sexo fue significativa ($t=3,910$; $gl=881$; $p=0,001$; $DM=0,28936$; $EPD=0,07400$) apenas en la dimensión conectividad con la naturaleza, siendo el mayor promedio para el grupo de los niños. La variables que más contribuyeron para los resultados fueron la limpieza de la escuela, el convivio con los animales, la relación afectiva con el barrio y el contacto con la naturaleza, revelando la importancia del relacionamiento ambiental en sus diferentes aspectos para el bienestar infantil.

Palabras clave: satisfacción ambiental; apego al lugar; identidad de lugar; bienestar personal; infancia.

1. Introdução

A psicologia ambiental (PA) explica como o indivíduo percebe e age no ambiente e, qual a influência de sua ação nesse mesmo ambiente. Assim, o ambiente é também capaz de influenciar a percepção do indivíduo. Por exemplo, a casa da pessoa é capaz de influenciar suas percepções, avaliações e atitudes, bem como, satisfazer suas necessidades. Do mesmo modo, uma cidade ou a cultura local e global influenciam o cotidiano dos indivíduos (Moser, 1998; Moser, 2003; Verdugo, 2005; Lima & Bonfim, 2009). Os primeiros estudos sobre PA foram publicados em meados dos anos 60 e 70, sendo objetivo estudar o indivíduo em seu contexto e suas relações com o meio ambiente e o social (Moser, 1998; Wiesenfeld, 2005). O desenvolvimento da área foi influenciado pela preocupação com os problemas ambientais, que surgiu nas ciências naturais e estendeu-se às demais ciências e pelo papel desempenhado pelo ser humano neste contexto (Pinheiro, 1997). Duas teorias psicológicas envolvem os processos psicológicos do indivíduo com o ambiente, sendo elas, a psicologia da percepção e a psicologia social. A primeira define o ambiente a partir da percepção e do espaço físico e a segunda, caracteriza-se por um ponto de vista que abarca a interação entre o indivíduo e o ambiente (Pinheiro, 1997). Segundo Moser (2003), a PA atualmente está relacionada ao bem-estar e a qualidade de vida. Porém, de forma sustentável, na qual a sociedade seja capaz de satisfazer suas necessidades com qualidade de vida e bem-estar social e ambiental, sem prejudicar as necessidades essenciais das gerações futuras: “[...] a referência às necessidades leva à inclusão não só da exigência de que o desenvolvimento seja harmonioso em relação e em respeito ao ambiente, mas também ao reconhecimento do próprio bem-estar do indivíduo” (Moser, 2003, p. 332). Dentre os estudos em PA, Thompson e Barton (1994) desenvolveram uma escala capaz de medir o ambientalismo ecológico das pessoas, considerando assim os comportamentos pró-ambientais. O ambientalismo ecológico pode ser

classificado em duas vertentes: antropocentrismo e ecocentrismo. O primeiro remete à adoção de comportamentos de preservação e cuidado ambiental voltados para o benefício próprio ou de uma comunidade, por exemplo, economizar água, pensando apenas no benefício financeiro. O segundo remete, a atitudes pró-ambientais não pensando apenas no benefício próprio, mas sim por pertencer à natureza e respeitá-la por si mesma (Thompson & Barton, 1994).

Autores como Pinheiro e Pinheiro (2007), e Diniz e Pinheiro (2014) entrevistaram indivíduos, a fim de identificar a relação entre esses comportamentos pró-ambientais e se os mesmos condizem a comportamentos antropocêntricos ou ecocêntricos. Foi constatado que a maioria dos participantes possuía comportamentos antropocêntricos, ou seja, apatia ambiental, imediatismo e ausência de práticas de cuidado ambiental. Isto reforça a necessidade de explorar as dimensões psicológicas associadas com o não engajamento em práticas referentes ao cuidado ambiental. Autores como Coelho, Gouveia e Milfont (2006) identificaram que um dos motivos para desenvolver a prática ecocêntrica é o universalismo, pois reconhece a natureza e o homem como um todo, o que representa a compreensão, o apreço, a tolerância e a proteção do bem-estar das pessoas e da natureza. Então, quanto mais alto o nível de universalismo, maior será a predisposição da pessoa em agir favorecendo o ambiente. Desse modo, a educação desses valores leva a uma mudança das crenças e atitudes dos indivíduos, contribuindo para a modificação de condutas de não cuidado ambiental.

Para uma melhor compreensão da relação pessoa-ambiente, a teoria ecológica do desenvolvimento humano traz a luz os processos psicológicos e suas interações (Martins & Szymanski, 2004) e considera os processos psicológicos pertencentes a propriedades de sistemas. Passa da visão individualista, para uma visão, na qual o indivíduo é apenas parte do sistema, sendo o foco principal os processos e as interações (Narvaz & Koller, 2004).

Os níveis ambientais da teoria são quatro: microssistema, mesossistema, exossistema e macrosistema. O primeiro trata das relações proximais que o indivíduo estabelece, sejam elas físicas, sociais ou simbólicas, por exemplo, a família. O mesossistema consiste no conjunto de microssistemas, no qual amplia-se a cada novo ambiente frequentado, como por exemplo, a escola. O terceiro, exossistema as pessoas não participam ativamente, mas o ambiente age indiretamente sobre o seu desenvolvimento, por exemplo, a comunidade inserida. E, por fim, o macrosistema que envolvem a cultura e a subcultura nas quais o indivíduo é socialmente parte (Martins & Szymanski, 2004; Narvaz & Koller, 2004).

Um construto relevante na perspectiva do microssistema do indivíduo é o apego ao lugar, que se refere à relação complexa existente entre pessoas e ambientes (Giuliani, 2003; Rosa, 2014). Para Alves, Kuhnen e Battiston (2015), o apego ao lugar está relacionado à satisfação das necessidades, por exemplo, alimentação, descanso, privacidade e proteção, fatores estes que demonstram a relação de dependência com o lugar. Está ainda ligado à “[...] continuidade do self, pois o lugar representa conexão entre passado e futuro, significativos para um indivíduo ou grupo, estes lugares geram um sentimento de pertença e são considerados parte da identidade individual ou grupal” (Rosa, 2014, p. 41).

Para o autor, o apego é o nível de relação que o indivíduo estabelece com determinado ambiente. Os autores Felipe e Kuhnen (2012) realizaram uma revisão bibliográfica sobre o tema, laços afetivos com lugares. Observaram que havia uma grande variedade de indicadores de apego ao lugar, como: enraizamento, pertencimento, afiliação, apropriação, compromisso, investimento, dependência, conforto, conhecimento do lugar, desejo de defender o lugar, desejo de proximidade e envolvimento, dificuldades para substituição local, felicidade, atração, cuidado com o lugar, influência do lugar sobre os acontecimentos, mobilidade e interação social, satisfação, orgulho do lugar, dentre outros (Felipe & Kuhnen, 2012). Na mesma direção, Farias e Pinheiro (2013) dedicaram-se a caracterizar os aspectos de vizinhança, como estas se configuram, suas relações sociais, ambientais e culturais, determinando a complexidade do apego ao lugar. Identificaram a interação social, sendo a mais predominante e que indica participação e cooperação entre vizinhos. São exemplos as festas, troca de

ferramentas e utensílios, confraternizações entre familiares e vizinhos, conversas na calçada, criar filhos na vizinhança, confiar em deixar a chave da casa com o vizinho e privacidade. Assim, o apego ao lugar está relacionado com os benefícios que o ambiente traz, sejam, econômicos ou simbólicos (Alves, Kuhnen, & Battiston, 2015).

Alguns exemplos foram citados por Farias e Pinheiro (2013), em relação a sociabilidade da vizinhança, tais como, as falas a respeito das interações entre esse povo: “os vizinhos fazem festas juntos”, “movimentação na rua em torno das rodas de conversa”, “vou à casa deles”, “as pessoas todas se conhecem, sabem quem é de lá, quem não é” entre outras (Farias & Pinheiro, 2013, p. 31). Esse estudo corrobora a importância do suporte social entre esses vizinhos e indica os sentimentos em relação à comunidade, pois essas relações sociais próximas demonstram um investimento no local de moradia, que, conseqüentemente, condiciona os indivíduos a satisfação em relação à comunidade.

O apego ao lugar está relacionado ao vínculo emocional que envolve um ambiente físico (Felipe & Kuhnen, 2012). É “[...]o vínculo afetivo que as pessoas estabelecem com um determinado lugar, onde tendem a permanecer, sentirem-se cômodas e seguras” (Hidalgo & Hernández (2001, p. 274). E a partir das cognições provocadas em determinado ambiente físico, configura-se a identidade de lugar, que é um aspecto da identidade pessoal referente ao espaço físico (Felipe & Kuhnen, 2012).

O conceito de identidade de lugar surgiu pela compreensão da importância do ambiente físico para o desenvolvimento da identidade pessoal do indivíduo. Sendo assim, a identidade pessoal também se desenvolve através da relação e interação com ambientes físicos. A identidade de lugar é uma subestrutura da identidade social do indivíduo, determinada a partir de conceitos de espaço geográfico definido, o que gera sentimentos de pertencimento e identidade pessoal (Bernardo & Palma-Oliveira, 2013). Tanto o apego ao lugar quanto a identidade de lugar garantem a satisfação de necessidades, considerando o valor simbólico daquele ambiente e a permanência ou não do indivíduo nele, sendo capazes de influenciar culturalmente determinada população (Lima & Bomfim, 2009). Outro conceito relevante em PA é o bem-estar pessoal. A maioria dos estudos sobre bem-estar tem como foco populações adultas, sendo recentes estudos

relacionados ao bem-estar em crianças e adolescentes. E ainda assim, os estudos têm relacionado o bem-estar infantil a partir da visão de pais e professores. Apenas na última década, surge o interesse de pesquisar sobre o bem-estar e a satisfação em crianças partindo do ponto de vista destas, procurando desenvolver instrumentos adequados à linguagem infantil (Casas, 2005; Strelhow, 2013; Galli, 2014; Schütz, 2014). De acordo com Cummins e Lau (2005), o bem-estar pessoal está relacionado à satisfação e à qualidade de vida de forma individual ou global, abrangendo a vida e as condições ambientais. No entanto, são três os aspectos fundamentais referentes ao bem-estar pessoal: satisfação global com a vida, felicidade e satisfação com os âmbitos da vida, ou seja, engloba aspectos psicológicos e psicossociais (Cummins & Lau, 2005).

Em um estudo utilizando a Escala de Bem-Estar Pessoal (*Personal Well-being Index – School Children/PWI-SC*), realizado por Schütz (2014), foi possível identificar diferenças significativas no bem-estar pessoal entre crianças com família intacta e crianças de famílias reconstituídas. As primeiras apresentaram maior bem-estar, enquanto que as crianças de família reconstituída apresentavam menor bem-estar quando novo membro passava a participar dela. O estudo também identificou diferenças entre a idade, sendo que quanto mais velha a criança, menor o seu índice de bem-estar.

Outro aspecto a ser considerado é a satisfação ambiental e, segundo Galli (2014), atitudes favoráveis ao ambiente e com relação à natureza favorecem a formação de comportamentos pró-ambientais. A satisfação ambiental está relacionada com as condições dos ambientes frequentados pelas crianças. De acordo com Evans (2006), fatores como qualidade do bairro, comércio, transporte, saúde, exposição a produtos tóxicos e espaços de recreação interferem indiretamente no bem-estar e na satisfação ambiental da criança no entorno onde vive. Também, segundo o autor, as crianças preferem ambientes naturais que desenvolvem melhor a interação social e motora. De acordo com Galli (2014), faz-se necessário compreender a experiência afetiva na relação de cada indivíduo com a natureza para provocar o interesse em atitudes ambientais a favor do meio ambiente. No entanto, as atitudes ambientais podem ser definidas como sentimentos favoráveis ou não frente ao meio ambiente. Estão relacionadas com a percepção dos espaços físicos, com os problemas ambientais

complexos, como poluição, superpopulação, etc. E é por meio das experiências e das crenças aprendidas sobre o ambiente que o comportamento do indivíduo será influenciado (Coelho, Gouveia, & Milfont, 2006).

É de ampla divulgação na literatura que a psicologia ambiental permite explorar a relação entre a cognição, o comportamento e as situações reais, avaliando a qualidade de vida e as necessidades dos indivíduos em seu contexto social (Moser, 2003). Ao estudar a interação do indivíduo com o meio ambiente é indispensável avaliar o apego ao lugar, ou seja, os vínculos e as conexões, que o ser humano estabelece com o ambiente, já que esses interferirão na sua satisfação ambiental. Destarte, busca-se comprovar que a relação com o ambiente, também interfere na satisfação e na formação de comportamentos pró-ambientais das crianças.

Considerando a necessidade de ampliar os estudos na área, o presente trabalho tem por objetivo apresentar uma análise sobre o relacionamento ambiental em crianças com idades entre 10 e 11 anos, considerando variáveis como apego ao lugar, identidade, satisfação ambiental e bem-estar pessoal. O estudo buscou ainda, analisar se as variáveis, apego ao lugar, identidade de lugar e satisfação ambiental, predizem bem-estar, bem como, identificar possíveis diferenças entre os sexos nas médias de apego ao lugar, identidade de lugar, bem-estar e satisfação ambiental em crianças com idades entre 10 e 11 anos. Foram levantadas as seguintes hipóteses para este estudo: a) O bem-estar pessoal em crianças é influenciado por fatores como o apego e a identidade de lugar e a satisfação ambiental. b) Meninos e meninas apresentam diferenças nos níveis de apego e identidade de lugar, bem como de satisfação ambiental, o que pode ser medido por meio das médias nesses construtos.

2. Método

2.1 Participantes

Participaram do estudo 886 alunos do sexto ano do Ensino Fundamental da rede estadual de ensino de Cascavel/PR, pertencentes a 16 escolas estaduais que atendem alunos nesse ano escolar. Segundo dados da Secretaria da Educação no ano de 2016, ao todo, 3.625 alunos frequentaram o sexto ano de escolas da zona urbana da cidade de Cascavel, num total de 29 escolas. A pesquisa contemplou 65% das escolas estaduais do município e obteve amostra

representativa da população investigada. A idade dos participantes era entre 9 e 11 anos (12 anos incompletos), média de 10,66 (DP 0,64), sendo 54% meninas e 46% meninos.

O sexto ano do Ensino Fundamental foi escolhido para compor a amostra porque, além dos alunos terem adquirido habilidade de leitura e interpretação suficiente para responder a um questionário, já possuem algum conhecimento relativo ao meio ambiente e às questões que envolvem a relação do homem com o mesmo.

2.2 Instrumentos

a) A Escala de Apego ao Lugar (EAL) consta de cinco itens *likert* (Hidalgo & Hernández, 2001). A Escala de Identidade de Lugar (EIL) consta com cinco itens *likert* (Vidal, Valera, & Perú, 2010). As duas escalas foram traduzidas do espanhol e adaptadas quanto à linguagem para o português pelos autores do atual estudo. Foi realizado teste piloto com 30 participantes, fim de verificar a adequação da linguagem para uso com crianças nesse estudo.

Um estudo de Rodríguez e Jiménez (2010) encontrou Alfa de Cronbach de 0,93 para EAL e 0,95 para EIL. Hidalgo e Hernández (2001) encontraram Alfa de Cronbach de 0,85 para EAL e Duarte e Lima (2005) encontraram na EIL Alfa de Cronbach de 0,87. No presente estudo encontrou-se Alfa de Cronbach de 0,78 para EAL, e 0,79 para EIL. (não está nas referências)

b) A *Personal Well-Being Index-School Children* (PWI-SC) que é composta de sete itens (Cummins, Eckersley, Pallant, Vugt, & Misajon, 2003). A escala foi traduzida e validada no Brasil por meio de um estudo de Bedin e Sarrieira (2014), que encontrou Alfa de Cronbach de 0,79. O estudo atual apresentou Alfa de Cronbach 0,74 para a escala.

c) A Escala Infantil de Satisfação com o Ambiente (EISA), com seis itens, adaptada por Galli (2014). A autora encontrou dois componentes: 1) Satisfação com o entorno medido por quatro itens – *Estou satisfeito com a limpeza de minha escola; Estou satisfeito com a separação do lixo (reciclagem) na minha casa; Estou satisfeito com o jeito que os animais são tratados em geral e; Estou satisfeito com a quantidade de árvores nas ruas;* 2) Conectividade com a natureza, medido por dois itens – *Fico feliz quando passo tempo com os animais e Fico feliz quando estou em contato com a natureza.*

No estudo atual, o primeiro fator apresentou Alfa de 0,62 e o segundo fator com Alfa de 0,66 e índices

de ajuste satisfatório (NFI, TLI e CFI de 0,94).

2.3 Procedimentos

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual do Oeste do Paraná conforme pareceres 1.124.474 de 25/06/2015 e 1.450.652 de 14/03/2016. Primeiramente, foi contatado o Núcleo Regional de Educação que autorizou a realização da pesquisa nas escolas. Posteriormente, as escolas foram contatadas e assinaram um termo de concordância institucional para o desenvolvimento do estudo. Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foram distribuídos aos alunos para que entregassem aos pais ou responsáveis.

Foi combinado com a escola a data de devolução dos TCLEs, bem como, da aplicação dos questionários. Durante a aplicação, houve a presença de pelo menos um pesquisador para esclarecer dúvidas. Os participantes foram informados dos objetivos do estudo e do caráter voluntário da participação. O questionário foi aplicado no ano de 2016.

2.4 Análise dos dados

Os dados relativos à caracterização da amostra foram analisados quantitativamente, a partir de técnicas de estatística descritiva (média e desvio padrão, frequência e porcentagem), com auxílio do *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), versão 23.0. Foram analisadas as diferenças entre as médias dos grupos por sexo e se essas são significativas. Também foram empregadas análises de estatística avançada (análise fatorial, correlações, análise de regressão linear (VIs: Apego ao lugar, Identidade de lugar, satisfação ambiental; VD: Bem-estar), de modo a explorar os dados e testar as hipóteses da pesquisa.

3. Resultados e Discussão

3.1 Análise de preditores de bem-estar pessoal em crianças (10-11 anos)

Após a verificação da adequação das escalas utilizadas no estudo, foi aplicada a análise de Regressão Linear Múltipla pelo método *Stepwise*, a fim de identificar quais variáveis melhor explicam o bem-estar pessoal em crianças de 10 a 11 anos no município de Cascavel.

As variáveis independentes foram os itens das escalas de apego ao lugar, identidade de lugar e satisfação ambiental e para a variável dependente, foi criada uma variável a partir da média do somatório dos itens da escala de bem-estar.

A Tabela 1 apresenta os coeficientes da regressão. Das quinze variáveis analisadas, apenas seis entraram no modelo e apresentaram significância estatística. São elas: a) Itens Escala infantil de Satisfação Ambiental: Estou satisfeito com a limpeza da minha escola; Fico feliz quando estou em contato com a natureza; Estou satisfeito com a separação do lixo na minha casa; Fico feliz quando passo tempo com os animais; b) Itens da Escala de Apego ao Lugar:

Eu sentiria muito se tivesse que me mudar para outro bairro; Eu gosto de viver no meu bairro. Os itens

da escala de identidade de lugar não apresentaram significância estatística para compor o modelo que prediz bem-estar. Constata-se que as variáveis que exercem influência sobre o bem-estar estão relacionadas ao contato e às vivências na relação com a natureza. Segundo Collado, Staats e Corraliza (2013), quando as crianças entram em contato direto com a natureza, realizando trocas de experiências, eleva-se o entendimento e a sensibilização com as questões ambientais.

Tabela 1. Análise de coeficientes do modelo de regressão linear múltipla

Modelo	Coeficientes											
	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados		T	Sig.	Correlações			Estatística de Colinearidade		
	B	Desvio Padrão	Beta				Ordem Zero	Parcial	Parte	Tolerância	VIF	
Constante	1,854	,134			13,884	,001**						
01	,113	,017	,205		6,562	,001**	,338	,216	,191	,869	1,150	
02	,105	,024	,147		4,307	,001**	,304	,144	,126	,732	1,366	
03	,122	,020	,193		6,214	,001**	,325	,205	,181	,879	1,138	
04	,061	,014	,129		4,193	,001**	,211	,140	,122	,896	1,116	
05	,069	,024	,096		2,852	,004**	,265	,096	,083	,748	1,337	
06	,060	,022	,088		2,755	,006*	,247	,093	,080	,842	1,188	

Nota: onde ** $p < 0,001$; * $p < 0,05$. Variável dependente: média da soma dos itens do PWI-SC. Variáveis independentes: itens das escalas de Apego ao Lugar, Identidade de Lugar e Satisfação Ambiental. Preditores: 01: Estou satisfeito com a limpeza da minha escola (EISA); 02: Fico feliz quando estou em contato com a natureza (EISA); 03: Estou satisfeito com a separação do lixo (reciclagem) na minha casa (EISA); 04: Eu sentiria muito se tivesse que me mudar para outro bairro (EAL); 05: Fico feliz quando passo tempo com os animais (EISA); 06: Eu gosto de viver no meu bairro (EAL).

Dos construtos estudados, apenas variáveis relativas à satisfação ambiental e ao apego ao lugar contribuem para o bem-estar na amostra analisada. As variáveis excluídas do modelo foram: Eu me sinto apegado ao meu bairro (EAL), No meu bairro eu me sinto como se estivesse em casa (EAL); Quando estou fora eu sinto falta do meu bairro (EAL); me identifico com meu bairro (EIL); Meu bairro faz parte da minha identidade (EIL); Sinto que pertenço ao meu bairro (EIL); Meu bairro é diferente de outros bairros (EIL); Meu bairro tem a ver com minha história de vida (EIL); Estou satisfeito com o jeito com que os animais são tratados em geral (EISA) e Estou satisfeito com a quantidade de árvores nas ruas (EISA).

O bem-estar infantil está relacionado aos lugares em que frequentamos, como por exemplo, a escola, a igreja e a casa, bem como, a saúde, lazer e segurança, etc. (Strelhow, 2013). Nesse estudo, as variáveis que

contribuem para o bem-estar estão relacionadas ao ambiente escolar, ao ambiente do bairro e ao contato com animais e natureza, ou seja, relacionadas ao lazer. Já os demais construtos podem não ter contribuído para o bem-estar, pois abordam de forma genérica as bases referentes ao que corresponde o bem-estar segundo teóricos.

O modelo de regressão linear múltipla para preditores de bem-estar pessoal mostrou que a associação entre as variáveis de critério (Bem-Estar Pessoal) e as explicativas (variáveis selecionadas das escalas de Apego ao lugar e Satisfação ambiental) correspondem ao valor $R^2 = 0,25$. Juntas as variáveis foram responsáveis por explicar 25,1% do bem-estar pessoal em crianças com idade entre 10-11 anos. O valor de Durbin-Watson foi de 2,024 (está entre 1 e 3) o que indica que os erros na regressão são independentes, portanto, não decorrem de auto-

Tabela 2. Análise da variância do modelo de regressão linear múltipla

		ANOVA ^a				
Modelo		Soma dos Quadrados	gl	Média Quadrada	F	Sig.
1	Regressão	35,916	1	35,916	113,857	,001*
	Residual	278,856	884	,315		
	Total	314,772	885			
2	Regressão	54,377	2	27,188	92,196	,001*
	Residual	260,395	883	,295		
	Total	314,772	885			
3	Regressão	66,942	3	22,314	79,413	,001*
	Residual	247,830	882	,281		
	Total	314,772	885			
4	Regressão	74,774	4	18,694	68,622	,001*
	Residual	239,997	881	,272		
	Total	314,772	885			
5	Regressão	77,088	5	15,418	57,083	,001*
	Residual	237,683	880	,270		
	Total	314,772	885			
6	Regressão	79,123	6	13,187	49,189	,001*
	Residual	235,649	879	,268		
	Total	314,772	885			

Variável dependente: Somatório dos itens do PWI-SC.

Nota: onde * $p < 0,001$. Preditores: (Constante) 1. Estou satisfeito com a limpeza da minha escola; 2. Fico feliz quando estou em contato com a natureza; 3. Estou satisfeito com a separação do lixo (reciclagem) na minha casa; 4. Eu sentiria muito se tivesse que me mudar para outro bairro; 5. Fico feliz quando passo tempo com os animais; 6. Eu gosto de viver no meu bairro.

correlação, sendo a significância do modelo confiável (Field, 2009).

A análise de ANOVA por sua vez (Tabela 2) mostrou-se significativa ($p < 0,001$) com estatística $F = 49,189$, de modo que é improvável que o resultado tenha ocorrido por acaso.

Após análise dos resultados conclui-se que o apego ao lugar e satisfação ambiental, e bem-estar. No entanto, identidade de lugar não aparece como um fator que possa influenciar o bem-estar em crianças. Assim, a hipótese foi parcialmente confirmada.

A satisfação ambiental diz respeito à satisfação com o entorno e à conectividade com a natureza, sendo que a satisfação com o entorno remete à percepção de algo externo ao indivíduo, enquanto que a conectividade está relacionada à interação entre pessoa-ambiente (Galli, 2014). Segundo Collado (2012), as crianças têm passado menos tempo em contato com ambientes naturais. Como consequência da tecnologia, as mesmas têm ficado mais em casa e entretidas em aparelhos como videogames, computadores e têm vivido menos experiências em contato real com a natureza. E essa falta de contato com ambientes naturais influencia negativamente para a conservação do ambiente, pois o indivíduo não presencia a relação direta que possui com a natureza

e nem vivencia os problemas ambientais do local onde está inserido (Collado, 2012).

Para Evans (2006), o contato em ambientes naturais e atividades relacionadas a estes ambientes propiciam o bem-estar em crianças, pois colaboram para o desenvolvimento de habilidades motoras e aliviam o estresse dos afazeres cotidianos. Segundo Collado, Staats e Corraliza (2013), a exposição direta das crianças à natureza, aumenta a afinidade emocional com o ambiente natural, favorecendo o vínculo emocional com o mesmo. O estudo de Galli (2014), por sua vez, reportou que os indivíduos veem os ambientes urbanos públicos e de contato com a natureza (parques, praças, etc.) como transitórios, que interligam a passagem de um lugar seguro para outro, como por exemplo, ir de casa para a escola, hospitais, lojas, etc. Na mesma direção, Homel e Burns (1989) afirmaram que, quanto mais próximo de zonas urbanas e indústrias a criança vive, menor é seu bem-estar, pois essas áreas possuem em menor quantidade, locais de lazer e segurança para as crianças interagirem e estarem em contato direto com o ambiente onde vivem. Ainda em relação ao contato com a natureza, foi realizado um estudo comparativo entre crianças acampadas em ambientes naturais e crianças acampadas em ambientes urbanos. Os resultados

identificaram que o primeiro grupo apresentou maiores crenças ecológicas e maior interesse em conhecer e aprender sobre lugares naturais, do que o grupo de crianças do acampamento urbano (Collado, Staats, & Corraliza, 2013). Howe, Kahn Jr e Friedman (1996), em estudo comparativo entre crianças brasileiras e americanas, obtiveram resultados semelhantes para ambas, no qual, crianças de quinta série identificaram a importância do cuidado ambiental, através de comportamentos como a separação do lixo, não jogar lixo nos rios, cuidado com os animais. Também foram considerados como importantes para o sistema ecológico, os animais e a preservação das florestas.

Em relação ao apego enquanto preditor de bem-estar, Dalbem e Dell'aglio (2005) afirmaram que o mesmo já é definido na relação mãe e bebê, onde a vinculação afetiva de ambos influencia no desenvolvimento cognitivo, social e afetivo da criança, sendo que o mesmo, passa uma base de segurança para a criança explorar o ambiente. A partir deste construto, Lima e Bomfim (2009) ressaltaram que o apego ao lugar está relacionado aos sentimentos e acontecimentos em relação a lugares que vivenciam experiências significativas. Giuliani (2004), cita três processos que podem gerar sentimento de apego, são eles: satisfação das necessidades da pessoa no local; nível simbólico a partir dos significados que o lugar remete a identidade da pessoa, como por exemplo, o lugar define parte do que o indivíduo é; tempo que a pessoa reside e convive no lugar, levando em

consideração o sentimento de segurança e bem-estar provocado pelas interações sociais.

Por sua vez, Macedo, Oliveira, Günther, Alves e Nóbrega (2008) reportaram que o apego ao lugar está mais relacionado às interações sociais que o ambiente possibilita para o indivíduo, do que à estrutura física do mesmo. O apego não se desenvolve somente no viés de que, para se tornar significativo ao self do indivíduo, o mesmo necessita ter a vivência do lugar, pois o lugar pode remeter a um significado já existente, como por exemplo, o lugar que remete a uma experiência vivida anteriormente (Gillford, 2014). Assim, situações como assaltos, criminalidade, poluição, ruídos, falta de saneamento e não atendimento de necessidades básicas no bairro, são fatores estressantes que podem levar a diminuição do apego a este lugar (Martín, Hernández, & Ruiz, 2006).

Considerando que os resultados deste estudo relacionam o bem-estar pessoal com a satisfação com a limpeza da escola e a separação do lixo em casa, cabe observar que Olivos (2010), realizou estudo sobre as condições do espaço físico. Para o autor, tanto da percepção do físico quanto a condição ecológica, relacionadas à sustentabilidade e à organização, influenciam na aprendizagem dos alunos, como também na aquisição de comportamentos pró-ambientais. No mesmo estudo, o autor coloca exemplos de escolas onde estão presentes ruídos e poluição, os quais interferem indiretamente na aprendizagem dos alunos, pois, podem afetar a atenção e serem dispositivos geradores de estresse.

Tabela 3. Grupo estatístico das médias entre os sexos para cada fator das escalas de satisfação ambiental, apego ao lugar, identidade de lugar e bem-estar pessoal

	Sexo	N	Média	Desvio Padrão	Média Desvio Padrão
Satisfação com o entorno	Masculino	405	4.0956	.58577	.02911
	Feminino	478	4.0895	.63254	.02893
Conectividade com a natureza	Masculino	405	3.1826	1.06852	.05310
	Feminino	478	2.8933	1.11834	.05115
Apego ao lugar	Masculino	405	3.6950	.81731	.04061
	Feminino	478	3.6325	.77188	.03530
Identidade de lugar	Masculino	405	3.4446	.91195	.04532
	Feminino	478	3.3944	.85329	.03903
Bem-estar pessoal	Masculino	405	3.9662	.62513	.03106
	Feminino	478	3.9839	.57336	.02623

Nota: Variáveis criadas a partir da média da soma dos itens das escalas EISA, EAL, EIL e PWI-SC.

3.2 Diferenças entre os sexos nas variáveis apego ao lugar, identidade de lugar, bem-estar e satisfação ambiental

A Tabela 3 apresenta as médias de satisfação ambiental, apego ao lugar, identidade de lugar e bem-estar, comparando-as por sexo. Os itens de cada escala (EAL, EIL, EISA e PWI-SC) foram somados de modo a criar uma variável para cada construto. No caso da Escala de Satisfação Ambiental, foram criadas duas variáveis, a partir do somatório dos itens dos dois fatores – conectividade com a natureza e satisfação com o entorno.

A Tabela 4 apresenta os resultados do teste de

amostras independentes, no qual o teste de Levene resultou não significativo para a maioria das variáveis. Desse modo, a hipótese nula é verdadeira e a diferença entre as variâncias é zero, sendo as variâncias praticamente iguais e as suposições convincentes. Os resultados indicam que não há diferenças significativas entre as médias por sexo, para as escalas de apego ao lugar, identidade de lugar, satisfação com o entorno e bem-estar pessoal. Porém, no fator conectividade com a natureza, a diferença entre os sexos mostrou-se significativa, sendo que as meninas apresentaram menores médias quando comparadas aos meninos.

Tabela 4. Teste de amostras independentes

		Teste de Levene para igualdade de variâncias		Teste-t para igualdade das médias						
		F	Sig.	t	Gl	Sig. (2- tailed)	Diferença Média	Desvio Padrão da Diferença	95% Intervalo de Confiança da Diferença	
								Inferior Superior		
Conectividade com a natureza	Variâncias iguais	,745	,388	3,91	881	0,001**	,28	,07	,14	,43
	Não assumidas			3,92	868,380	0,001**	,28	,07	,14	,43

Nota: ** $P < 0,001$; * $P < 0,05$.

Segundo Galli (2014), a conectividade com a natureza está relacionada à experiência afetiva com a natureza, com o quanto o indivíduo se sente como pertencente à natureza. Do mesmo modo, Olivos (2009) ressaltou que a valorização do ambiente está relacionada com a satisfação pessoal, sendo que o contato com o ambiente gera impacto na qualidade de vida e oportuniza a construção de uma identidade positiva. Uma possível explicação pode estar vinculada às questões de gênero no que diz respeito ao aspecto cultural. De acordo com a psicologia evolucionista as diferenças de gênero são consolidadas no ambiente pela adaptação do ser humano, considerando os papéis entre homens e mulheres instituídos pelos ancestrais, os quais geram um sistema de crenças e valores estabelecidos culturalmente (Hansen, Macarini, Martins, Wanderlind, & Vieira, 2007). Essas diferenças podem estar relacionadas às questões culturais, por exemplo, população mais tradicional e diferenças de classes econômicas. Em seu estudo Carvalho, Beraldo, Santos e Ortega (1993)

compararam crianças da cidade de São Paulo e Recife, de diferentes classes econômicas (classe média alta e média baixa). O estudo encontrou diferenças estereotipadas pelas crianças em relação às brincadeiras de futebol e “lutinha”, como também identificou que em São Paulo as diferenças entre classes foram mais acentuadas do que em Recife, o que pode estar associado às questões culturais, por Recife ser cidade menor e mais tradicional em relação à São Paulo. A partir desse dado no presente estudo, também podem estar presentes questões culturais da cidade de Cascavel-PR, como por exemplo, preocupações com a violência sexual contra o sexo feminino e outros fatores que precisariam ser investigados. No que diz respeito aos papéis, Wanderlind (2006) estudou as diferenças nas brincadeiras em um pequeno grupo de crianças de ambos os sexos, constatando que os meninos buscavam por brincadeiras mais realistas e de confronto, onde exploram o ambiente físico sem a supervisão de adultos. Já as meninas brincam mais

de faz-de-conta em pequenos grupos e geralmente não se importam com a supervisão de um adulto, de modo, que os primeiros passam mais tempo em contato com a natureza em atividade *outdoor*.

No estudo de Noronha e Corasolla (2014) foram realizadas atividades lúdicas com crianças de ambos os sexos sobre a representação do meio ambiente, na qual foi evidenciado que crianças do sexo feminino possuem uma compreensão de meio ambiente mais complexa do que os meninos. Elas conseguiram expressar o meio ambiente de diferentes modos, como espaço natural e modificado, ambientes construídos, de lazer, bem como, os indivíduos habitantes do ambiente como possuindo sentido de pertencimento. Já os meninos representaram o meio ambiente de forma difusa, como ambiente natural e construído pelo homem, porém de forma aleatória e com menor percepção em relação às meninas.

Em estudo de mapas mentais em crianças sobre a percepção ambiental numa área de preservação, Abdo (2005) encontrou diferenças entre os sexos. O autor referiu que, de acordo com as tendências culturais os meninos convivem mais ligados ao ambiente natural, por exemplo, saem para pescar, ajudam o pai com afazeres que envolvem animais e plantas, enquanto as meninas ficam dentro de casa com afazeres domésticos junto à mãe, demorando assim para entrar em contato com o "mundo" lá fora. De acordo com o estudo do autor, a interpretação dos mapas mentais por meio dos desenhos das crianças identificou que as meninas possuíam contato com um ambiente restrito, desenhando laranjeiras, roseiras, dentre outros elementos que se relacionam ao ambiente ao redor de sua casa. Já os meninos desenharam equipamentos de agropecuária e seus afazeres na pastagem, revelando um contato maior de exploração com o ambiente natural (Abdo, 2005). O estudo de Silva, Pontes, Silva, Magalhães e Bichara (2006) corroborou com o estudo de Abdo (2005), que identificou a frequência e as brincadeiras de crianças que brincam na rua. Entre os registros da pesquisa, na grande maioria foram meninos, ao invés de meninas que convivem em brincadeiras na rua. Na pesquisa atual, os meninos apresentaram maior conectividade com a natureza (Média 31,8; DP 106,8) do que as meninas (Média 28,9; DP 111,8) e essa diferença foi significativa ($p=0,001$).

Os estudos de Silva e outros (2006) e de Abdo (2005), indicaram que, por meio do viés cultural, os meninos frequentam mais ambientes externos e

exploram o ambiente como um todo. Já as meninas, possuem responsabilidades domésticas e também uma preocupação maior, já que o sexo feminino é considerado mais vulnerável do que o masculino.

Uma possível explicação para o fato das outras variáveis não apresentarem diferenças entre os sexos é porque as mesmas se referem a questões mais amplas do que a simples experiência de contato com a natureza. Por exemplo, identidade pressupõe o tempo em que se reside no lugar, apego tem relação com o vínculo, o bem-estar aparece ligado à situação econômica e social, a satisfação com o entorno está relacionada com a forma e com a organização do ambiente, enquanto que a conectividade apresenta relação com a experiência em si, independentemente se a mesma for no bairro, na escola, etc.

Para os meninos, as brincadeiras no ambiente natural possibilitam reproduzir cenários do seu interesse, como exemplo o futebol, andar de bicicleta etc. Já para as meninas seu contato com ambiente natural é mais restrito devido às atividades domésticas, por exemplo, ajudar a mãe em afazeres de casa (lavar louça, cuidar do quintal, faxinar, etc.). Por fim, a maioria das brincadeiras de meninas são dentro de casa, como brincar de boneca, casinha, etc., diferenças essas que se devem aos construtos culturais, que socialmente indicam diferenciações de atividades de acordo com o gênero.

4. Considerações finais

O estudo contribuiu para mensurar as variáveis que compõem o bem-estar em crianças. As escalas utilizadas mostraram-se adequadas na amostra da pesquisa e conseguiram explicar 25% do bem-estar pessoal em crianças de 10-11 anos (12 anos incompletos) do município de Cascavel-PR. Variáveis como a limpeza das escolas, o convívio com os animais, a relação afetiva com o bairro onde vivem e o contato com a natureza, estão relacionadas com o aumento do bem-estar na amostra estudada. A escala EISA apresentou baixa confiabilidade estatística por apresentar dois fatores, os quais são compostos por poucos itens. Com isso, estudos futuros precisam aperfeiçoar o instrumento, tornando-o mais preciso em relação aquilo que pretende medir e incluindo variáveis que possam ser pertinentes à satisfação ambiental em crianças. Tais variáveis, podem ser levantadas em estudo qualitativo e descritivo.

O estudo também contribuiu com pesquisas no

campo do relacionamento ambiental em crianças, no qual, as pesquisas em psicologia são bastante escassas. Indica-se a necessidade de aprofundar como as crianças percebem o ambiente e o que compreendem por bem-estar, sendo adequado proceder novas investigações, que possam identificar variáveis para compor futuros instrumentos para a análise mais aprofundada do bem-estar infantil e da satisfação ambiental, em especial. Por fim, estudo mais abrangentes poderiam utilizar o socioambiente como objeto, incluindo aquelas variáveis que são pertinentes socialmente, como as condições de moradia, as dificuldades de acesso às áreas verdes por

pessoas de diferentes classes sociais, a relação com as áreas verdes, sendo elas para atividade física, lazer e contemplação, ou para se deslocar de um lugar para outro em função da escola ou trabalho.

Agradecimentos:

Às crianças participantes do estudo e aos profissionais que contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa. Ao CNPq pelo financiamento da pesquisa através do Edital Universal Número 455229/2014-7 (Chamada: MCTI/CNPQ/Universal 14/2014).

Referências

- Abdo, R. F. (2005). *Mapas mentais e percepção ambiental de crianças pantaneiras da região de Aquidauana, Mato Grosso do Sul*. Dissertação de mestrado. Universidade para o desenvolvimento do estado e da região do pantanal – UNIDERP.
- Alves, R. B., Kuhnen, A., & Battiston, M. (2015). "Lar doce lar": apego ao lugar em áreas de risco diante de desastres naturais: *Revista Psico*, Florianópolis, v.46, n.2. doi: 10.15448/1980-8623.2015.2.17484.
- Bedin, L. M., Sarriera, J. C. (2014). Propriedades psicométricas das escalas de bem-estar: PWI, SWLS, BMSLSS e CAS. *Revista avaliação psicológica*, 10 (2), Itatiba. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712014000200009>. Acesso em: 15 de jun de 2016.
- Bernardo, F., Palma-Oliveira, J. (2013). Place identity, place attachment and the scale of place: the impact of place salience. *Psychology*, n.4, v.2, p. 167-193. doi: 10.1080/21711976.2013.10773867.
- Carvalho, A., Beraldo, K., Santos, F., & Ortega, R. (1993). Brincadeiras de menino, brincadeiras de menina. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 13(1-4), 30-33. doi: 10.1590/S1414-98931993000100006.
- Casas, F. (2005). Desafios atuais da psicologia na interação social. *Psicologia & Sociedade*, 17(2), Porto Alegre. doi: 10.1590/S0102-71822005000200007.
- Coelho, J. A. P. M., Gouveia, V. V., & Milfont, T. L. (2006). Valores humanos como explicadores de atitudes ambientais e intenção de comportamento pró-ambiental. *Psicologia em estudo*, 11(1), Maringá. doi: 10.1590/S1413-73722006000100023.
- Collado, S. (2012). *Experiencia infantil en la naturaleza. Efectos sobre el bienestar y las actitudes ambientales en la infancia*. Tese de Doutorado, Departamento de Ecología Doctorado Interuniversitario en Educación Ambiental, Universidad Autonoma de Madrid, Madrid, Espanha. Disponível em: <https://repositorio.uam.es/bitstream/handle/10486/11466/57279_collado_salas_silvia.pdf?sequence=1>. Acesso em: 16 de jan de 2017.
- Collado, S., Staats, H., & Corraliza, J. A. (2013). Experiencing nature in children's summer camps: Affective, cognitive and behavioural consequences. *Journal of Environmental Psychology*, v.33, p.37-44. doi: 10.1016/j.jenvp.2012.08.002.
- Cummins, R. A., Eckersley, R., Pallant, J., Vugt, J., & Misajon, R. (2003). Developing a National Index of Subjective Wellbeing: The Australian Unity Wellbeing Index. *Social indicators research*, 64(2), p. 159-190. Disponível em: <<http://link.springer.com/article/10.1023%2FA%3A1024704320683>>. Acesso em: 14 de jun de 2016.
- Cummins, R. A., Lau, A. L. D. (2005). Personal Wellbeing Index – Pre-School (PWI-PS). *School of psychology Deakin university*. Disponível em: <<http://www.acqol.com.au/iwbg/translations/pwi-ps-chinese-cantonese.pdf>>. Acesso em: 13 de jun de 2016.
- Dalbem, J. X., Dell'aglio, D. D. (2005). Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. *Arquivos brasileiros de psicologia*, 57(1). Disponível em: <<http://seer.psychologia.ufrj.br/index.php/abp/article/view/40/57>>. Acesso em: 16 de jan de 2017.
- Diniz, R., Pinheiro, J. Q. (2014). Cuidado ambiental em tempos de sustentabilidade: relação entre compromisso pró-ecológico e orientação de futuro. *Psico*, Natal, 45(3). Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/17321/pdf_10>. Acesso em: 14 de jun de 2016.
- Duarte, A. P. Lima, M. L. (2005). Análise dos conteúdos da identidade associada ao lugar. *Psicologia*, 19(1-2), Lisboa. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492005000100009>. Acesso em: 5 de março de 2017.
- Farias, T. M., Pinheiro, J. Q. (2013). Vivendo a vizinhança: interfaces pessoa-ambiente na produção de vizinhanças vivas. *Psicologia em estudo*, 18(1) Maringá. doi: 10.1590/S1413-73722013000100004.
- Felippe, M. L., Kuhnen, A. (2012). O apego ao lugar no contexto dos estudos pessoa-ambiente: práticas de pesquisa. *Estudos de psicologia*, 29(4) Campinas. doi: 10.1590/S0103-166X2012000400015.
- Field, A. (2009). *Descobrimo a estatística usando SPSS*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed.

- Galli, F. (2014). *A relação das crianças do sul do Brasil com o ambiente e seu impacto no bem-estar pessoal*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/98325>>. Acesso em: 10 de jun de 2016.
- Gillford, R. (2014). Environmental psychology matters. *Annual Review of Psychology*. doi: 10.1146/annurev-psych-010213-115048
- Giuliani, M. V. (2004). O lugar do apego nas relações pessoas-ambiente. In E. T. O. Tassara, E. P. Rabinovich & M. C. Guedes (Eds.), *Psicologia e ambiente*. São Paulo: Educ. p. 89-106.
- Giuliani, M. V. (2003). *Theory of attachment and place attachment*. In: Bonnes, M.; Lee, T.; Bonaiuto, M. *Psychological theories for environmental issues* (pp. 137-170). Aldershot: Ashgate. p. 137-170. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/228091197_Theory_of_Attachment_and_Place_Attachment>. Acesso em: 15 de jun de 2016.
- Hansen, J., Macarini, S. M., Martins, G. D. F., Wanderlind, F.H, & Vieira, M. L. (2007). O brincar e suas implicações para o desenvolvimento infantil a partir da psicologia evolucionista. *Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano*, 17(2). Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822007000200015>. Acesso em: 23 jan 2017.
- Hidalgo, M; Hernández, B. (2001). Place attachment: conceptual and empirical questions. *Journal of Environmental Psychology*, 21(3), p. 273-281.
- Homel, R.; Burns, A. (1989). Environmental quality and the wellbeing of children. *Social Indicators Research*, v.21, p. 133-158. Disponível em: <https://www.griffith.edu.au/__data/assets/pdf_file/0007/188746/environmental.pdf>. Acesso em: 16 de jan de 2017.
- Howe, D., Kahn Jr., P., Friedman, B. (1996). Along the rio negro: brazilian children's environmental views and values. *Developmental Psychology*, 32(6), p. 979-987. Disponível em: <https://depts.washington.edu/hints/publications/Along_the_Rio_Negro.pdf>. Acesso em: 16 de jan de 2017
- Lima, D. M. A.; Bomfim, Z. Á. C. (2009). Vinculação afetiva pessoa-ambiente: diálogos na psicologia comunitária e psicologia ambiental. *Revista psico*, 40(4), p. 491-497. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5161393>>. Acesso em: 10 de julho de 2016.
- Macedo, D., Oliveira, C. V., Günther, I. A., Alves, S. M., & Nóbrega, T. S. (2008). O Lugar do Afeto, o Afeto pelo Lugar: O que Dizem os Idosos? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24(4), p. 441-449. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12529/1/ARTIGO_LugarAfetoLugar.pdf>. Acesso em: 16 de jan de 2017.
- Martín, A.; Hernández, B.; Ruiz, C. (2006). Influencia de las condiciones ambientales en el apego y la identidad con el bairro. In Martín, R., Berenger, J., & Corraliza, J. A. (Org.). *Medio Ambiente, Bienestar Humano Y Responsabilidad Ecológica*. IX Congreso de Psicología Ambiental, España.
- Martins, E.; Szymanski, H (2004). A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias. *Estudos e pesquisa em psicologia*, 4(1). Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812004000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 06 maio 2017.
- Moser, G. (1998). Psicologia ambiental. *Estudos de psicologia*, 3(1). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v3n1/a08v03n1.pdf>>. Acesso em 15 de jun de 2016.
- Moser, G. (2003). Examinando a congruência pessoa-ambiente: o principal desafio para a psicologia ambiental. *Estudos de psicologia*, Natal, 8(2). doi: 10.1590/S1413-294X2003000200016.
- Narvaz, M.; Koller, S. H. (2004). O modelo bioecológico do desenvolvimento humano. In: Koller, S. H. *Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil*. Casa do Psicólogo.
- Noronha, M. G. R. C. S., Corasolla, M. M.A. (2014). Meio ambiente: significados para meninos e meninas sob o enfoque de gênero. *Instituto municipal de administração pública Curitiba-Pr*. Disponível em: <<http://www.imap.curitiba.pr.gov.br/wp-content/uploads/2014/03/Meio%20ambiente%20significados%20para%20meninos%20e%20meninas%20sob%20o%20enfoque%20de%20g%C3%AAnero.pdf>>. Acesso em: 23 jan 2017.
- Olivos-Jarra, P. C. (2009). *Conectividad com la naturaleza: identidad ambiental y dimensiones del self*. Tese de doutorado – Universidad Complutense de Madrid.
- Olivos-Jarra, P. C. (2010). Ambientes escolares. *Psicologia Ambiental*, Ediciones Pirámide. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/49780781/Ambientes-Escolares>>. Acesso em: 16 de jan de 2017.
- Pinheiro, J. Q. (1997). Psicologia ambiental: a busca de um ambiente melhor. *Estudos de psicologia*. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v2n2/a11v02n2.pdf>>. Acesso em: 10 de jun de 2016.
- Pinheiro, J. Q., Pinheiro, T. F. (2007). Cuidado ambiental: ponte entre psicologia e educação ambiental? *Revista psico*, Porto Alegre, 38(1). Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/1921>>. Acesso em: 11 de jun de 2016.
- Rodríguez, M. L. R. & Jiménez, M. P. M. (2010). Influencia de la participación comunitaria y la identidad con el lugar en la satisfacción vital en inmigrantes. *Escritos de Psicología*, 3(2), pp. 8-16. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6484320>>. Acesso em: 26 de maio de 2016.
- Rosa, D. C.C. B. (2014). *Teorias sobre a floresta e funções de apego: um estudo sobre a relação das pessoas com a Amazônia*. Tese (Doutorado em Psicologia Cognitiva), Repositório institucional da UFPE, Recife. Disponível em: <<http://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/10934>>. Acesso em: 10 de jun de 2016.
- Silva, L. I. C., Pontes, F. A. R., Silva, S. D. B., Magalhães, C. M.C., Bichara, & I. C. (2006). Diferenças de gêneros nos grupos de brincadeira

- na rua: a hipótese de aproximação unilateral. *Psicologia: Reflexão & Crítica*, 19(1), pp. 114-121. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/2520>>. Acesso em: 06 de maio de 2017.
- Schütz, F. F. (2014). *Bem-estar em crianças de diferentes configurações familiares e em acolhimento institucional*. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/101404>>. Acesso em: 12 de jun de 2016.
- Strelhow, M. R. W. (2013) *Bem-estar pessoal e coping religioso em crianças*. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/80121>>. Acesso em: 12 de jun de 2016.
- Thompson, S. C. G., Barton, M. A. (1994). Ecocentric and anthropocentric attitudes toward the environment. *Journal of environmental psychology*, 14(2), p. 149-157. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0272494405801689>>. Acesso em: 26 de maio de 2016.
- Verdugo, V. C. (2005). Psicologia ambiental: objeto, "realidades" sócio-físicas e visões culturais de interações ambiente-comportamento. *Psicologia USP*, São Paulo, 16(1-2). doi: 10.1590/S0103-65642005000100009.
- Vidal, T., Valera, S., & Peró, M. (2010). Place attachment, place identity and residential mobility in undergraduate students. *Psychology*, 1(3), p. 353-369.
- Wanderlind, F.; et al. (2006). Diferenças de gênero no brincar de crianças pré-escolares e escolares na brinquedoteca. *Paidéia*, 16(34), p.263-273. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2006000200014&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 23 jan 2017.
- Wiesenfeld, E. (2005). A psicologia ambiental e as diversas realidades humanas. *Psicologia USP*, São Paulo, 16(1-2). doi: 10.1590/S0103-65642005000100008.

Recebido: 16.03.2019 / Corrigido: 14.11.2019 / Aprovado: 25.02.2020